



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LIRIEL OLIVEIRA GAMA MUNIZ

VOZES DA RESISTÊNCIA: MULHERES NEGRAS E PERIFÉRICAS EM
***OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

LIRIEL OLIVEIRA GAMA MUNIZ

**VOZES DA RESISTÊNCIA: MULHERES NEGRAS E PERIFÉRICAS EM
OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em Letras

Orientador: Prof. Dr. Aurélio Farias
Conceição

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M966v Muniz, Liriel Oliveira Gama.
Vozes da resistência [manuscrito] : mulheres negras e periféricas em "Olhos d'água" de Conceição Evaristo / Liriel Oliveira Gama Muniz. - 2024.
43 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras portuguesas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Mulheres negras. 2. Periferia. 3. Marginalização. 4. Resistência. I. Título

21. ed. CDD 305.4

LIRIEL OLIVEIRA GAMA MUNIZ

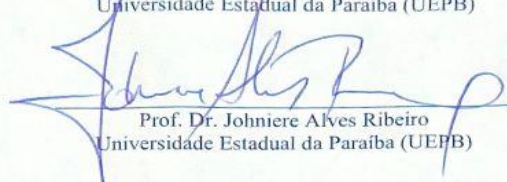
**VOZES DA RESISTÊNCIA: MULHERES NEGRAS E PERIFÉRICAS EM
OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Aprovada em: 19/11/2024.

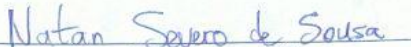
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auribjo Farias Conceição
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Johniere Alves Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Natan Severo de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

Dedico este trabalho à memória de meu pai, que partiu cedo e não pôde compartilhar comigo as trajetórias e conquistas que alcancei. Imagino, contudo, que, se estivesse aqui, este seria um momento de imensa importância para ele. Sua ausência é sentida em cada vitória, mas levo comigo o amor e o orgulho que certamente dividiríamos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a **Deus**, que sempre esteve e está comigo em cada passo da minha jornada. Sem sua presença constante, não seria possível chegar até aqui. Ele é a base de tudo na minha vida, e sua força e amor me guiaram e sustentaram em todos os momentos.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, **Fagna Raianny de Sousa Oliveira**, que, mesmo diante de inúmeras adversidades, sempre foi uma mãe amorosa e dedicada. Meu reconhecimento também vai para minha avó, **Maria de Fátima de Sousa Oliveira**, uma mulher batalhadora, que fez todo o possível para apoiar minha mãe na criação de mim e do meu irmão, **Gabriel Oliveira Gama**, a quem dedico imenso amor. Todos eles, de maneira direta ou indireta, me auxiliaram e incentivaram, sempre estando ao meu lado e me fortalecendo em cada desafio.

Ao meu esposo, **Lucas Ruan Muniz da Silva**, minha gratidão transcende qualquer expressão. Seu amor, compreensão e constante apoio foram pilares fundamentais que me permitiram seguir adiante e conquistar este objetivo. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, proporcionando suporte emocional e contribuindo de tantas outras formas, sendo indispensável para que eu chegasse até aqui.

Às minhas amigas da faculdade, expressei meu profundo apreço por terem tornado essa jornada mais leve e significativa. Sou imensamente grata por cada momento compartilhado e pelo apoio constante. Entre elas, **Rita de Cássia Medeiros Diniz**, com quem formei uma dupla inseparável. Juntas, enfrentamos trabalhos acadêmicos desafiadores e momentos de grande pressão, mas também compartilhamos inúmeras conquistas. Você foi conforto e parceria.

À **Maria Eduarda da Silva Pereira**, que esteve ao meu lado em grande parte dos seminários, e a **Leandra Alves Tobias**, que, assim como as demais, caminhou comigo nessa trajetória. Vocês são pessoas especiais que marcaram essa jornada, tornando os desafios mais leves e deixando um impacto positivo em cada etapa percorrida. À **Ana Karolina Araújo Neto**, registro minha gratidão por ter trilhado esse caminho ao meu lado, sendo uma presença especial durante todo o percurso.

Agradeço também à minha amiga **Caroline Ferreira da Silva**. Falar de Carol é lembrar das inúmeras conversas ao longo do processo de escrita deste trabalho. Durante esse desafio, construímos um vínculo lindo, e sua presença foi essencial para que eu mantivesse a determinação e não desistisse. Obrigada por todo o apoio e companheirismo.

Manifesto também minha profunda gratidão a todos os professores que, ao longo da minha trajetória, me fizeram enxergar a educação sob uma nova perspectiva, inspirando-me a acreditar plenamente em seu poder transformador. Registro, ainda, meu agradecimento especial ao meu orientador, **Auríbio Farias Conceição**, pelo apoio e orientação durante todo o processo de escrita deste trabalho.

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Este trabalho justifica-se pela urgência de destacar a representação das mulheres negras periféricas na literatura brasileira, conferindo visibilidade às suas vozes historicamente marginalizadas. A partir da análise dos contos *Ana Davenga*, *Duzu-Querença* e *Maria*, presentes na obra *Olhos d'Água* de Conceição Evaristo, o estudo tem como tema central a forma como a autora, por meio da escrevivência, transforma essas mulheres em protagonistas de suas próprias histórias, evidenciando suas lutas, resiliência e força em contextos de vulnerabilidade social. A metodologia é de caráter bibliográfico e consiste em uma análise literária crítica dos contos. A leitura dessas narrativas foi aprofundada através do diálogo com os conceitos da própria Conceição Evaristo e teóricas como Regina Dalcastagnè (2005) e Sueli Carneiro (2011). A pesquisa identifica e evidencia que, em *Olhos d'Água*, as personagens femininas ocupam um papel central na denúncia das injustiças sociais e na construção de narrativas que ressignificam as vivências das mulheres negras. A abordagem sensível e profunda de Evaristo reafirma a importância da escrita como um ato de resistência política e literária, consolidando-se como uma das vozes mais relevantes da literatura contemporânea.

Palavras-Chave: Mulheres negras, periferia, marginalização, resistência.

ABSTRACT

This work is justified by the urgency of highlighting the representation of peripheral black women in Brazilian literature, giving visibility to their historically marginalized voices. Based on an analysis of the short stories *Ana Davenga*, *Duzu-Querença* and *Maria*, found in Conceição Evaristo's *Olhos d'Água*, the central theme of the study is the way in which the author, through writing, transforms these women into protagonists of their own stories, highlighting their struggles, resilience and strength in contexts of social vulnerability. The methodology is bibliographical and consists of a critical literary analysis of the short stories. The reading of these narratives was deepened through dialog with the concepts of Conceição Evaristo herself and theorists such as Regina Dalcastagnè (2005) and Sueli Carneiro (2011). The research identifies and shows that, in *Olhos d'Água*, the female characters play a central role in denouncing social injustices and constructing narratives that give new meaning to the experiences of black women. Evaristo's sensitive and profound approach reaffirms the importance of writing as an act of political and literary resistance, consolidating her position as one of the most relevant voices in contemporary literature.

Keywords: Black women; periphery; marginalization; resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA E REPRESENTATIVIDADE	14
2.1 Narrativas que nos cercam.....	15
2.2 A força da Escrivência	20
3 FAVELAS: DA EXCLUSÃO PÓS-ESCRavidÃO À VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E SEUS EFEITOS NAS MULHERES NEGRAS	23
4 QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS: A MULHER NEGRA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	27
4.1 Ana Davenga: No círculo da violência.....	27
4.2 Maria: O preço da invisibilidade	31
4.3 Duzu-Querença: Sobrevivência e ilusão.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem o poder de moldar percepções e construir narrativas que impactam a forma como enxergamos diferentes grupos sociais. No entanto, quando essa produção se restringe a uma única história, como alerta Chimamanda Ngozi Adichie, não apenas cria estereótipos — “e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos” (Adichie, 2019, p. 26) —, mas também exclui a complexidade e a diversidade das vivências retratadas. Essa problemática é particularmente evidente na representação das mulheres negras na literatura brasileira, cujas histórias frequentemente são silenciadas, estereotipadas ou relegadas à margem. Partindo desse contexto, este trabalho busca explorar como a obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, desafia e expande as representações literárias, dando espaço a personagens cujas trajetórias refletem resistências e lutas que muitas vezes foram negligenciadas.

Conceição Evaristo se estabelece como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea, ao lançar luz sobre as vivências e as dores de grupos marginalizados, com um foco especial nas mulheres negras. Em suas obras, Evaristo dá visibilidade a histórias que costumam ser silenciadas, oferecendo um retrato das desigualdades estruturais e da discriminação racial presentes na sociedade. No livro *Olhos d'Água*, esse olhar atento à realidade das periferias e das vítimas do racismo se torna central. Este estudo foca em três contos específicos — *Ana Davenga*, *Maria* e *Duzu-Querença* — que exploram diversas facetas da dor, da força e da superação, revelando não apenas os desafios enfrentados pelas personagens, mas também o modo como o racismo e a exclusão social impactam suas trajetórias.

Nesses contos, Evaristo aborda a realidade de mulheres negras que vivem à margem da sociedade, muitas vezes em periferias urbanas, e cujas vivências refletem uma luta constante contra as desigualdades sociais e raciais. Ao retratar essas personagens, a autora não só ilumina as condições de vida das mulheres negras periféricas, como também enfatiza a importância dessa temática no cenário atual, em que as questões de classe, raça e gênero permanecem centrais no debate social. A obra de Evaristo se configura, assim, como um espaço de afirmação e empoderamento, trazendo à tona histórias de figuras que, apesar das adversidades, permanecem firmes diante dos desafios impostos pela estrutura social.

Durante a leitura de *Olhos d'Água*, a obra revelou-se um espaço de profunda reflexão. Cada história traz uma temática relevante e impactante, capaz de provocar uma forte resposta emocional. Ao explorar as complexidades das personagens e os desafios que enfrentam, o impacto é imediato: são histórias que não apenas fazem pensar, mas também tocam a alma, estimulando uma crítica intensa e ao mesmo tempo despertando um misto de sentimentos, como tristeza e admiração pela força da resistência. Essa leitura foi um convite para uma compreensão mais profunda das questões que envolvem as mulheres negras periféricas, além de expandir horizontes sobre a literatura afro-brasileira.

Desse modo, a pesquisa contribui especialmente para a valorização de vozes históricas frequentemente esquecidas. Ao explorar a escrita de uma autora que retrata, de maneira única, as vivências e desafios das mulheres negras, o estudo amplia o entendimento sobre a diversidade e complexidade das experiências sociais e culturais no Brasil. Além disso, ao abordar as questões de gênero, raça e classe, oferece uma reflexão crítica sobre as desigualdades que ainda permeiam a sociedade, proporcionando um olhar mais atento e consciente sobre as dinâmicas de opressão e resistência. Dessa forma, a contribuição deste trabalho vai além da academia, alcançando a comunidade ao promover maior visibilidade e reconhecimento das mulheres negras, estimulando uma discussão mais ampla sobre inclusão e representatividade tanto no campo literário quanto social.

A metodologia adotada neste trabalho é de cunho bibliográfico, apoiada em uma análise aprofundada de diversas fontes teóricas. A pesquisa envolveu uma combinação de levantamento bibliográfico de livros, artigos científicos e entrevistas. Além disso, se alicerçou, em grande parte, nas reflexões e nos ensinamentos de Evaristo, cuja obra foi fundamental para o desenvolvimento da análise, permitindo um olhar mais crítico e ampliado sobre a experiência das mulheres negras na sociedade e na literatura. Em síntese, o presente trabalho foi estruturado em três capítulos, cada parte com um enfoque específico que contribui para a análise da obra de Conceição Evaristo. Na primeira parte, é abordada a vida e a importância da autora, destacando seu papel na literatura brasileira e a forma como se expressam as vozes das pessoas pretas da periferia, trazendo à tona a ancestralidade, a história e as experiências de seu povo. Essa seção também explora a escrevivência, entendida como a maneira única pela qual ela incorpora sua vivência e perspectiva enquanto mulher negra em suas narrativas.

No segundo capítulo, a pesquisa aborda a representação das favelas brasileiras, com destaque para seu surgimento como espaços de acolhimento aos excluídos da sociedade e sua posterior transformação em locais marcados pela violência e exclusão

social. Embora Evaristo retrate a vida nas favelas em seus contos de *Olhos D'Água*, a análise se aprofunda no contexto histórico e social das favelas, explorando como esses ambientes refletem não apenas as dificuldades enfrentadas pelos moradores, mas também suas lutas e resiliência diante das adversidades.

Para finalizar, a terceira parte deste trabalho dedica-se à análise dos contos *Maria*, *Duzu-Querença* e *Ana Davenga*, que são peças centrais na obra de Conceição Evaristo. Cada um desses contos traz uma representação singular e ao mesmo tempo complexa das vivências das mulheres negras, situadas em contextos de opressão, violência e resistência. *Maria* retrata a dura realidade de uma mulher pobre, vítima de violência social e física, enquanto *Duzu-Querença* explora as dificuldades de uma mulher negra que, em busca de alternativas para melhorar sua vida, se vê envolvida em situações de exploração. Já *Ana Davenga* apresenta a trágica história de uma mulher que, ao se envolver com um criminoso, paga com sua vida pela escolha que fez.

É importante destacar que, a seleção dos contos para este trabalho não foi feita de forma arbitrária, mas, sim, a partir de um critério que privilegia a diversidade de experiências e opressões vivenciadas pelas mulheres negras, conforme retratadas por Conceição Evaristo. Embora outros contos de *Olhos d'Água* também abordem a temática feminina, os três escolhidos destacam-se por oferecer uma visão abrangente e multifacetada da condição da mulher negra em diferentes contextos de vulnerabilidade social. Ao analisar esses contos, busca-se compreender como Evaristo coloca essas personagens como protagonistas de suas próprias histórias, ao mesmo tempo em que expõe as estruturas de desigualdade e violência que as cercam.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO: LITERATURA E REPRESENTATIVIDADE

A representatividade refere-se à inclusão e valorização de grupos diversos em diferentes espaços sociais, assegurando o reconhecimento e o respeito às suas vozes, vivências e identidades. No âmbito literário, ela se manifesta por meio da incorporação de personagens, narrativas e perspectivas que retratam as realidades de grupos historicamente excluídos. Essa abordagem desempenha um papel essencial ao legitimar essas existências, fomentar a empatia, desconstruir estereótipos e ampliar a compreensão acerca das múltiplas formas de ser e estar no mundo.

Dessa forma, a representatividade, quando inserida na literatura, vai além de uma simples inclusão; ela se transforma em um poderoso instrumento de reflexão e mudança social, permitindo que as obras abordem e confrontem questões como a discriminação racial, um traço marcante da história do Brasil desde seus primórdios. Assim sendo, é amplamente reconhecido que os textos literários servem como um instrumento de denúncia e resistência contra as desigualdades presentes na sociedade. Através de suas narrativas, autores podem revelar em suas obras diferenças sociais, opressões e injustiças que frequentemente permanecem silenciadas.

Entre os autores engajados em questões sociais e que retratam a vida dos marginalizados, destaca-se Conceição Evaristo. Uma mulher negra que nasceu em uma comunidade e é uma importante escritora da literatura afro-brasileira. Em suas obras, ela apresenta personagens pertencentes às classes sociais desfavorecidas, especialmente os pobres e os negros, expondo as favelas e os excluídos socialmente como protagonistas de suas narrativas.

Em seus poemas, Evaristo assinala sua ancestralidade de maneira crítica, próxima de uma declaração que põe a cultura negra de forma lírica e política, em que exhibe e salienta a constância da exclusão do negro desde a escravidão no período colonial brasileiro até os dias atuais, apresentando a dignidade do povo afrodescendente que busca se libertar da opressão sofrida há séculos. (Saparas; Velasco, 2022, p. 32).

Dessa maneira, Evaristo trás em suas obras, de maneira crítica, uma reflexão sobre sua ancestralidade, reavaliando as injustiças enfrentadas pela população afrodescendente desde o período colonial até a contemporaneidade. Em obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), podemos observar que ela explora a origem e a busca pela dignidade, refletindo sobre a opressão histórica vivida pela população negra. Seus personagens costumam

enfrentar obstáculos que refletem as desigualdades do passado, destacando a persistência da luta por reconhecimento e liberdade. Antes de aprofundar essa temática, é pertinente discorreremos brevemente sobre suas origens.

2.1 Narrativas que nos cercam

Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma comunidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. De origem humilde, foi criada por sua mãe, Joana Josefina Evaristo, lavadeira que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e intelectual da escritora, por ter incentivado a educação e encorajado aos estudos. O contato de Evaristo com seu pai biológico foi limitado, encontrando em seu padrasto, Aníbal, a figura paterna que lhe serviu de referência. Aos sete anos, passou a morar com seus tios e, posteriormente, trabalhou como empregada doméstica, seguindo os passos profissionais de sua mãe e de sua tia.

Após enfrentar diversas adversidades em sua infância, Evaristo decidiu seguir um caminho acadêmico, o que a levou a se mudar para o Rio de Janeiro. Em 1973 graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Posteriormente, alcançou os graus de mestre e doutora, consolidando sua trajetória educacional. No início de sua carreira, atuou como professora na rede pública em Niterói (RJ). Sua entrada no cenário literário ocorreu em 1990, quando publicou poemas na série *Cadernos Negros*, organizada pelo grupo Quilombhoje. No entanto, seu processo de escrita se iniciou muito antes, na infância escrevia cartas, contos e poemas. Essa trajetória acadêmica não apenas moldou sua visão de mundo, mas também a levou a fazer da literatura uma forma de expressão para as vozes de seu povo, resgatando as histórias e experiências dos afrodescendentes.

Embora a literatura tenha o potencial de ser um espaço transformador, é importante reconhecer que a produção literária contemporânea ainda se caracteriza pela ausência de vozes e pela invisibilização de grupos marginalizados, como pessoas negras, indígenas, pobres e mulheres. Dalcastagnè (2005) destaca que:

De um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. (Dalcastagnè, 2005, p. 14).

Dessa forma, entende-se que essa falta de representatividade não é apenas uma ausência casual; trata-se de um reflexo das estruturas de poder que, ao longo da história, mantiveram determinados grupos à margem. Quando escritores deixam de incluir personagens que refletem a diversidade social, reforçam a ideia de que essas vivências não merecem ser contadas. Essa lacuna na literatura pode ter impactos profundos, pois contribui para a desumanização e para o apagamento de identidades que já enfrentam desafios significativos no cotidiano. Contudo, a obra de autoras como Conceição Evaristo demonstra como a literatura pode atuar contra essa invisibilização. Assim sendo, a autora destaca a importância das memórias e experiências que costumam ser silenciadas ou desconsideradas na narrativa predominante da sociedade.

As memórias subterrâneas, ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, rasuram a cena dos grandes feitos e permitem a composição de outras histórias nascidas, como acentua Pollak (1989), da experiência da periferia e da marginalidade. O movimento que caracteriza o afloramento das memórias confinadas ao silêncio instiga a escuta das vozes que emanam do corpo dos espoliados, dos indivíduos acossados pela dor da pobreza extrema. (Evaristo, 2017, p. 191-192).

Conforme mencionado, Evaristo enfatiza a relevância de reconhecer e valorizar as vivências das pessoas excluídas na sociedade, destacando que a escrita se configura como uma ferramenta fundamental para conferir visibilidade àqueles que foram historicamente silenciados. Dessa maneira, ela sugere que as histórias das pessoas comuns, especialmente daquelas que vivem à margem da sociedade, merecem igual reconhecimento e devem ser narradas. Assim, quando essas memórias emergem, elas desafiam a narrativa dominante e abrem espaço para a criação de novas histórias que refletem os percursos vividos pelos grupos oprimidos.

Nesse sentido, é possível reconhecer a relevância de Conceição Evaristo na literatura afro-brasileira, que surgiu como uma importante ferramenta para garantir que a escrita negra tivesse espaço e voz. A autora se afirmou como uma figura essencial na luta por representatividade e pelo reconhecimento das experiências da comunidade negra. Suas obras confrontam os estereótipos frequentemente presentes nos textos literários brasileiros. Com isso, ela não apenas enriquece o campo literário, mas também inspira novas gerações de escritores e leitores a ocupar seus lugares e compartilhar suas narrativas.

Atualmente, sua trajetória como escritora é amplamente reconhecida, consolidando-a como uma das mais importantes autoras contemporâneas. Ao longo de

sua carreira, recebeu diversos prêmios de destaque, como o Prêmio Jabuti em 2015, conferido em razão do livro *Olhos d'Água*, publicado em 2014, o que contribuiu para projetar sua obra no cenário internacional. Esse destaque é mais do que merecido, pois ela utiliza sua literatura para expor as desigualdades sociais e narrar as vivências das minorias, revelando suas lutas, dores e resistências. Como destacado por Champagnat (2018)

[...] uma minoria não significa necessariamente um grupo menor em termos numéricos, mas sim em termos de poder de ação e de decisão no seio da sociedade. Por exemplo, nós fazemos referência aos afro-brasileiros como sendo uma minoria, embora constituam mais de metade da população brasileira. Assim, o termo minoria serve então para sublinhar a menorização do grupo social. (Champagnat, 2018, p.59).

Assim, o conceito de “minoria” ultrapassa a mera contagem numérica e está profundamente relacionado ao lugar que um grupo ocupa na estrutura de poder de uma sociedade. Ser minoria significa enfrentar restrições em termos de acesso a recursos, representação e direitos, independentemente de o grupo ser numericamente maior ou menor. Essa classificação reflete relações de desigualdade e exclusão, que não são determinadas por quantidade, mas pela posição de vulnerabilidade e pela ausência de poder. No caso dos afro-brasileiros, mesmo representando uma parcela significativa da população, a categorização como “minoria” evidencia o histórico de marginalização e a luta por reconhecimento e igualdade dentro de uma sociedade marcada por profundas disparidades.

Esse contexto de exclusão e luta por reconhecimento torna ainda mais significativa sua recente admissão na Academia Mineira de Letras, um feito que rompeu barreiras históricas. A escritora, que simboliza a representatividade da comunidade negra e reúne todos os méritos para integrar a Academia, foi finalmente acolhida em seus quadros. Sua posse, realizada em 8 de março de 2024, marcou um momento histórico para a literatura brasileira. Com uma trajetória de 115 anos, a instituição levou mais de um século para admitir sua primeira mulher negra, sendo Conceição a décima mulher a ocupar uma cadeira. Para a autora, essa conquista vai além da satisfação pessoal, representando um ato de justiça por parte da Academia. Sua inclusão não apenas consagra sua trajetória individual, mas também simboliza o reconhecimento, ainda que tardio, da importância da representação negra e feminina em instituições culturais historicamente exclusivas, como as academias de letras.

Dessa forma, sua entrada na instituição foi um marco simbólico, inspirando novas gerações de escritoras negras a acreditar na possibilidade de ocupar espaços historicamente inacessíveis. Durante a cerimônia de posse, Conceição fez história ao trajar uma bata adornada com rendas na forma de sankofas, um símbolo africano que remete a um pássaro mítico. O sankofa, que voa para frente com a cabeça voltada para trás, representa a importância de reconhecer e honrar as origens, aprendendo com o passado para integrá-lo à caminhada do presente. Essa vestimenta não apenas carrega um profundo simbolismo africano, mas também se torna uma expressão de orgulho pela cultura negra. Ao optar por essa veste, a autora reafirma sua conexão com suas raízes africanas e a importância da ancestralidade na construção da identidade negra contemporânea. Em suma, essa conquista a prepara para aprofundar as questões que sempre foram centrais em sua escrita.

De modo geral, essa conexão com a herança cultural e a valorização das origens africanas estão fortemente presentes em seus textos, onde a autora destaca o protagonismo feminino e a interseccionalidade entre raça, gênero e classe. Em suas obras, Evaristo destaca as histórias de mulheres negras que, muitas vezes, são silenciadas pela narrativa tradicional, desafiando as estruturas que as marginalizam. Entre as diversas produções dessa escritora comprometida com a valorização da cultura afrodescendente, este estudo dá ênfase à *Olhos d'Água* (2016). A obra é formada por quinze histórias que retratam a vivência de personagens negros que sofrem em decorrência do racismo, das imposições econômicas, das condições de trabalho precárias e das questões de gênero. São narrativas breves que enfocam crianças, homens e, principalmente, mulheres.

No livro, “Os contos são marcados pela apresentação de formas diversas de dominação e violência, revelando a subalternização dos corpos negros, suas mortes violentas e seletivas como a face da necropolítica.” (Pereira; Lisboa, 2019, p.175). Assim, como destacado por Pereira (2019), a obra aborda não apenas a violência física, mas também outras manifestações de opressão, como a discriminação racial, a marginalização social e a exclusão. A necropolítica, segundo a análise de Achille Mbembe, trata do poder que o estado exerce sobre a vida e a morte, determinando quem tem o direito de viver ou de morrer, com base em critérios como raça, classe e gênero. Nesse cenário, a violência dirigida aos corpos negros é uma manifestação dessa lógica opressora. Esse aspecto é evidenciado no conto *Maria*, da obra *Olhos d'água*:

Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...(Evaristo, 2016, p.42).

Nesse trecho, podemos perceber a violência e o racismo dirigidos aos corpos negros, especialmente às mulheres, que são ainda mais vulneráveis. Maria é vítima de agressões físicas e verbais, acusada injustamente de um crime com base em estereótipos raciais. As pessoas presentes não se preocuparam em verificar se ela realmente estava envolvida; sua condenação foi imediata. Outro ponto relevante nesse trecho são os insultos dirigidos a Maria. As expressões “puta” e “safada” não apenas a desumanizam, mas revelam a misoginia intrínseca que permeia a sociedade, onde a mulher negra é frequentemente vista como um objeto de desprezo, reforçando a interseccionalidade entre racismo e sexismo. Em síntese, a cena que Evaristo nos apresenta mostra de maneira clara a necropolítica e a forma como a violência contra corpos negros é naturalizada e aceita socialmente.

Contudo, essa cena não constitui um episódio isolado, mas sim um reflexo das experiências vividas por diversos personagens nas obras de Evaristo, nas quais a busca pela dignidade e a resistência à opressão racial são temas recorrentes. Por meio de suas narrativas, a autora expõe a persistência da violência e a urgente necessidade de reconhecimento e transformação das estruturas sociais que sustentam essa realidade. Assim sendo, é pertinente destacarmos que, “Por muito tempo, a escrita foi associada aos grupos que exerciam certa dominação sobre os grupos minorizados, e torna-se a ferramenta hegemônica por excelência, para poder silenciar a versão da história contada pelas minorias.” (Champagnat, 2018, p. 60). Como aponta Champagnat (2018), a escrita tradicionalmente serviu para silenciar as vozes das minorias. No entanto, Evaristo utiliza sua escrita para desafiar essa hegemonia. Criando um espaço narrativo onde as experiências dos oprimidos são não apenas contadas, mas celebradas.

Dessa maneira, a obra de Evaristo não apenas revela a brutalidade da opressão e a marginalização dos corpos negros, mas também se configura como um ato de resiliência. A escrita, longe de ser meramente uma ferramenta de dominação, transforma-se em um meio potente para a afirmação da identidade e das experiências das minorias. Nesse cenário, é imprescindível analisar o conceito de “escrevivência” criado por ela. De acordo Saperas e Velasco (2022), ao empregar esse conceito, a autora esclarece de forma precisa o espaço que o povo negro ocupa no contexto contemporâneo.

2.2 A força da Escrivivência

Quase três décadas atrás, durante o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado, Conceição Evaristo trouxe à tona o termo *escrivivência*, “conceito desenvolvido por ela para contar sua experiência de vida e sua subjetividade como escritora, negra, brasileira.” (Lima, 2024, p.37). Essa abordagem representa um ato tanto político quanto literário. Neste contexto, é a escrita que nasce das experiências e memórias vividas por um povo. Embora o conceito seja majoritariamente alicerçado na autoria de mulheres negras, Evaristo ressalta que pessoas de outros grupos sociais também podem vivenciá-lo. Para ela, essa ideia se conecta diretamente à figura da Mãe-Preta, um símbolo da maternidade e do sacrifício das mulheres negras escravizadas.

Faz parte desse imaginário a figura da Mãe-Preta, obrigada a cuidar das crianças da casa-grande, dando a elas, inclusive, o leite negado aos seus próprios filhos. [...] É importante considerar que, ao doar o seu leite à criança da casa-grande, a negra escravizada também cuidava dela, tornando-se muitas vezes, a contadora de histórias de que embalava a criança, ainda que não ficasse livre da violência que norteava as relações entre senhores e escravos. (Evaristo, 2020, p.60).

A imagem da Mãe-Preta, obrigada a cuidar das crianças da casa-grande, representa não apenas o sacrifício, mas também a força das mulheres negras que, mesmo em circunstâncias adversas, se tornam contadoras de histórias. Essas narrativas orais, passadas de geração para geração, frequentemente compartilhadas em cenários de luta e resistência, constituem de certa forma a base da *escrivivência*. Em uma entrevista concedida a Morgani Guzzo em 2021, Evaristo declara que, se anteriormente a voz da mulher negra se limitava à oralidade, atualmente ela também se expressa por meio da escrita. Essa transição é crucial, pois a escrita representa uma forma de apropriação dos instrumentos de poder da casa-grande, permitindo que a figura feminina negra reivindique seus espaços e suas histórias.

A *escrivivência*, assim, emerge como um importante instrumento para ressignificar as marcas do passado, desfazendo a imagem de um tempo em que mulheres escravizadas eram silenciadas e tinham suas histórias contadas apenas para o deleite da casa-grande. Esse conceito se fundamenta na autoria de mulheres negras que, agora, exercem a liberdade de expressar sua própria escrita. Evaristo declara que “A nossa *escrivivência* não pode ser lida como histórica de ninar os da casa-grande, e sim para

incomodá-los em seus sonhos injustos.” (Evaristo, 2007, p.21). Isso revela que essa forma de narrativa não é apaziguadora, mas sim um desafio direto às injustiças históricas. De acordo com Ferreira (2023)

Esse termo, inspirado na noção benjaminiana de “história e contrapelo”, busca rasurar imagens do passado que têm sido silenciadas e apagadas pelo discurso oficial, restaurando narrativas subterrâneas e significativas. Assim, essa autora inaugura uma abordagem literária que transcende o medo relato, incorporando elementos de mitologia, filosofia e experiências afro- diaspóricas, construindo uma epistemologia das presenças que afirma a autoria feminina negra e sua rica contribuição à literatura brasileira. (Ferreira, 2023, p. 33).

Nesse sentido, esse conceito busca resgatar e conferir visibilidade às narrativas que foram ocultadas, especialmente as de mulheres negras, promovendo uma nova forma de fazer literatura que reconhece e valoriza essas vivências. Essa perspectiva literária não apenas questiona o passado, mas também edifica uma nova compreensão que enriquece a literatura brasileira e reafirma a presença e a relevância das vozes oprimidas, ao ocupar espaços de poder e de criação literária. Tornando-se um instrumento de luta, preservação da memória e reconhecimento das diversidades que compõem a sociedade.

Em síntese, Evaristo adota esse conceito para dar forma a suas narrativas, permitindo que suas histórias estejam profundamente conectadas à realidade social e cultural ao seu redor. Dessa maneira, sua obra se coloca na intersecção entre o pessoal e o coletivo. Ao expressar suas vivências, ela não apenas revela suas experiências individuais, mas também ilumina as lutas e as conquistas de uma comunidade. “[...] Sua literatura mergulha nas profundezas da identidade negra trazendo à tona questões de ancestralidade, racismo estrutural e lutas por emancipação, ressoando com uma potência que ecoa além dos cânones literários estabelecidos.” (Ferreira, 2023, p.33). Assim, a literatura de Conceição não apenas enriquece a identidade negra, mas também provoca reflexões essenciais sobre as desigualdades sociais e raciais contemporâneas, estimulando um diálogo necessário sobre justiça social e igualdade.

É relevante destacar que a produção literária da autora é focada nas trajetórias de mulheres negras, com uma predominância de personagens femininas em suas obras. Nota-se, assim, uma forte autorrepresentação de suas memórias, em que as experiências pessoais da autora como mulher negra permeiam e influenciam profundamente a construção e o desenvolvimento de suas personagens. A obra de Evaristo não só amplifica as vozes de mulheres negras, como também desafia o espaço restrito a essas vozes na literatura. “[...] Para ela, o mais importante é restituir a humanidade desses personagens

tão depreciados na literatura canônica brasileira.” (Lima, 2024, p.37). Ao reconstituir esses personagens com dignidade e profundidade, ela rompe com estereótipos e contribui para uma representação mais justa dos afrodescendentes nas produções literárias

Contudo, a escrevivência, que vai além da escrita ao representar força e resistência, se apresenta como um poderoso instrumento de luta contra o racismo estrutural. Nesse contexto, é importante lembrar o que nos diz Ribeiro (2018) ao afirmar que o “racismo é um sistema de opressão que vai além de ofensas, negando direitos.” (Ribeiro, 2018, p.71). Assim, esse conceito não apenas dá visibilidade às lutas das mulheres negras, mas também se torna um instrumento crucial para contestar as injustiças e a invisibilidade impostas por esse sistema opressor.

Por fim, para exemplificar como a escrevivência se manifesta na obra de Evaristo, é pertinente recordar um de seus personagens. Em um relato concedido ao canal Leituras Brasileiras em 2020, a autora conta a inspiração para o conto *Di Lixão*, presente em seu livro *Olhos d'Água*. Ela menciona uma situação vivida no Amarelinho, no Rio de Janeiro, onde viu um menino negro vendendo amendoim. Observa-se que ela não encarou essa situação apenas como uma cena cotidiana comum; ela enxergou o menino com um olhar de empatia e profundidade. A autora afirma: “Eu quero cenas do cotidiano que eu construa personagens que têm a ver comigo, que tenham a ver com minha experiência; se não particular, que seja uma experiência coletiva” (Conceição Evaristo, 2020). Por meio dessa perspectiva, Evaristo não apenas conta histórias, mas escancara a desigualdade em nosso país.

3 FAVELAS: DA EXCLUSÃO PÓS-ESCRavidÃO À VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E SEUS EFEITOS NAS MULHERES NEGRAS

O surgimento das favelas no Brasil foi resultado de uma série de fatores sociais e históricos, estando sua origem e permanência estritamente ligadas à desigualdade social e racial no país. No século XIX, o país vivenciou processos significativos, como a chegada de imigrantes de diversas regiões e o crescente debate em torno da abolição da escravidão, que gerava apreensão entre certas camadas da sociedade. Em resposta a essas transformações, foi instituída a Lei de Terras de 1850. Antes dessa legislação, não havia no Brasil um sistema formal de compra e venda de terras; a população podia ocupar e registrar áreas não reivindicadas. Com a nova lei, a posse de terras passou a ser regulada pela compra. Essa medida visava, sobretudo, impedir que pessoas de classes mais pobres, imigrantes, negros e ex-escravos adquirissem propriedades.

Anos após a promulgação da Lei de Terras, em 1888 foi sancionada a Lei Áurea, que decretou a abolição da escravidão no Brasil. No entanto, os escravizados foram libertos sem receber algum tipo de suporte para sua integração social e econômica. Conforme Carneiro (2011), Joaquim Nabuco já compreendia que a escravidão deixaria marcas profundas e duradouras na sociedade brasileira, pois não seria acompanhada por medidas políticas, econômicas e sociais que beneficiassem os recém-libertos. Dessa forma, a abolição da escravidão não promoveu a inclusão dos afrodescendentes na sociedade. As desigualdades geradas durante o período escravista continuaram a impactar a sociedade brasileira, perpetuando a exclusão dos ex-escravizados.

Outro fator que contribuiu para o surgimento das favelas foi o processo de reurbanização do Rio de Janeiro, iniciado em 1903. Esse processo tinha como objetivo transformar a então capital federal em um lugar mais belo e atrativo para visitantes. No entanto, essa reurbanização trouxe consequências desastrosas, pois resultou na expulsão de grande parte da população pobre, que vivia em pequenos cortiços. A demolição dessas moradias deixou milhares de pessoas desabrigadas, agravando ainda mais a questão habitacional e impondo desafios profundos à sobrevivência dessas populações, que enfrentaram a falta de opções dignas de abrigo e condições precárias de vida.

Diante do exposto, compreende-se que esses fatores estão interligados e se relacionam de forma complexa. A falta de acesso à terra, decorrente da exclusão social, aliada ao processo de reurbanização, criou um ambiente propício para o surgimento das favelas, que se transformaram em um espaço de acolhimento e resistência para aqueles

que foram excluídos pela sociedade. Ao longo do tempo, esses assentamentos se expandiram significativamente, abrigando hoje milhares de pessoas. Como destacado por Paula no portal G1, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), aproximadamente de 16,4 milhões de pessoas vivem em favelas no Brasil, representando cerca 8% da população brasileira.

Assim sendo, grande parte da população brasileira reside em favelas atualmente, além disso, em razão da desigualdade e dos resquícios da escravidão, a maioria das pessoas que vivem em comunidades são homens e mulheres negros. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase, 2022), no que tange à composição racial e de gênero, 67% dos moradores de favelas são negros, percentual 12% superior ao verificado na população total do Brasil, onde esse grupo corresponde a 55%. Em relação ao gênero, estima-se que 6,3 milhões de mulheres brasileiras vivam em favelas, das quais 69% são negras.

Dessa forma, a maior concentração de pessoas negras vivendo em comunidades evidencia de forma clara a desigualdade racial no Brasil, uma vez que a presença predominante de negros nessas áreas precárias reflete a pobreza e a marginalização social. Além disso, o elevado percentual de mulheres negras residentes em favelas é outro aspecto que revela a intersecção das desigualdades de raça e gênero, reforçando a vulnerabilidade dessas populações.

Evidentemente as favelas são espaços caracterizados por profundas desigualdades, como também, baixa infraestrutura. Localizadas em áreas de risco, muitos desses assentamentos carecem de recursos e têm acesso limitado a serviços públicos essenciais, como abastecimento de água, saneamento básico, eletricidade e educação. Miranda; Filho (2023) destacam que:

[...] A maioria das favelas são construídas em locais de riscos, como morros muito altos e encostas, que, durante as chuvas, podem sofrer com deslizamentos de terras e provocar mortes. Além do local inapropriado para a habitação, as favelas são marcadas por ausência de infraestrutura, desservidas de qualquer serviço básico como energia, água encanada, asfalto e esgoto. (Miranda; Filho, 2023, p.4).

As comunidades carecem de infraestrutura adequada; contudo, as dificuldades enfrentadas pelos moradores dessas localidades vão além dessa questão. Com o passar do tempo, as favelas se tornaram espaços marcados pela constante presença de conflitos, onde os residentes se veem envolvidos em disputas relacionadas ao tráfico de drogas e à

repressão policial. Embora ambos os gêneros sofram diferentes formas de agressões, as mulheres são mais vulneráveis. Segundo Freitas e Cintra (2018), homens e mulheres podem ser vítimas de distintas formas de opressão, mas são elas as que mais sofrem. Nesse contexto, a população feminina, em especial as mulheres negras, é a mais afetada. Elas enfrentam não apenas a criminalidade, mas também a violência de gênero, o que as torna duplamente vulnerabilizadas por essa realidade.

Dessa maneira, as mulheres negras, especialmente as que se encontram em situação de fragilidade socioeconômica, enfrentam o que pode ser denominado de injustiças estruturais. A violência direcionada a essas mulheres não constitui um fenômeno isolado, mas sim expressões das desigualdades sociais que persistem na contemporaneidade. Silva (2014) aponta que:

Se, na contemporaneidade, a violência — como uma das formas de expressão da questão social — manifesta-se de diferentes formas e atinge a sociedade como um todo; podemos entender que, no chão da vida cotidiana, ela se expressa de um modo mais específico nos sujeitos do sexo feminino, dos negros e pobres. Nossa formação patriarcal e escravocrata determina variadas formas de opressão, exploração e violência vivenciadas pelos sujeitos. Legítima uma lógica que banaliza e naturaliza essas opressões com os fundamentos de ordens ideológica, biológica e cultural. (Silva, 2014, p.27)

Diante da estrutura patriarcal e escravocrata da sociedade, que historicamente estabeleceu diferentes formas de dominação, as mulheres, os negros e as pessoas em situação de pobreza continuam a ser os grupos mais afetados pela violência. Nesse cenário, as desigualdades de gênero e raça se destacam como uma das manifestações mais severas dessa realidade. As mulheres negras, especialmente aquelas que vivem em comunidades marginalizadas, são frequentemente reduzidas a imagens distorcidas e vistas de forma preconceituosa pela sociedade. Freitas e Cintra (2018) destaca que entre os diversos mitos racistas, persiste a concepção de que a mulher negra é um objeto sexual à disposição, evidenciando que a sociedade brasileira ainda carrega resquícios do período da escravidão.

Com isso, a condição das mulheres negras no Brasil é profundamente impactada pelo legado da escravidão, que, lamentavelmente, ainda molda a forma como elas são percebidas e tratadas na sociedade contemporânea. Além de serem desvalorizadas, essa situação perpetua uma cultura de agressão baseada no gênero e exploração sexual, tornando-as suscetíveis a abusos e discriminações. Esse ciclo de violência é reforçado por uma sociedade que continua a reproduzir estereótipos racistas e machistas, que desprezam

as mulheres negras. A ausência de políticas eficazes de proteção e inclusão só agrava essa vulnerabilidade, deixando-as à mercê de uma estrutura social que, muitas vezes, silencia sua dor e minimiza suas lutas. Como resultado, elas não apenas enfrentam barreiras econômicas e educacionais, mas também carregam o peso de uma histórica desigualdade que ainda se reflete nas condições de vida e nas oportunidades de ascensão social.

Sueli Carneiro, filósofa e ativista, em sua obra *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*, nos alerta sobre a discrepância entre o avanço das mulheres brancas e a exclusão das mulheres negras nas conquistas sociais. Ela afirma que “[...] celebra-se o contínuo crescimento da presença feminina no mundo dos negócios, nas esferas de poder, [...], e, em geral, omite-se o fato de as negras não estarem experimentando a mesma diversificação de funções sociais que a luta das mulheres produziu.” (Carneiro, 2011, p.119). Esta reflexão evidencia como, apesar do avanço das mulheres em várias áreas, as mulheres negras continuam excluídas de muitos desses progressos, sendo profundamente afetadas pela interseção do racismo e do sexismo, que limita suas oportunidades e perpetua sua marginalização.

Contudo, diante do exposto, é possível perceber que um local que surgiu da necessidade e da luta de uma classe desfavorecida se transformou em um espaço marcado pela constante violência e negligência social. Nas favelas, cidadãos de bem e criminosos são frequentemente vistos de forma indistinta, e seus moradores vivem em um sofrimento contínuo, o que impacta diretamente suas trajetórias, especialmente as das mulheres. Além de lidarem com a opressão estrutural, essas mulheres enfrentam adversidades específicas relacionadas ao gênero e à raça. Ao vivenciar o cotidiano de violência, elas não apenas resistem à injustiça social, mas também à exclusão que as priva de inúmeras oportunidades, perpetuando um ciclo de luta por reconhecimento e direitos fundamentais.

4 QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS: A MULHER NEGRA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A seguir, procederemos à análise de três contos presentes na obra *Olhos d'água*. Essas narrativas ilustram a trajetória de três mulheres negras que habitam as periferias da sociedade. Os desafios enfrentados por elas estão intimamente relacionados às condições precárias e violentas em que vivem, evidenciando as desigualdades sociais e raciais que essas mulheres enfrentam diariamente. No entanto, elas demonstram uma notável capacidade de resistência a esse sistema opressor.

4.1 *Ana Davenga*: No círculo da violência

Em uma pesquisa sobre romance contemporâneo, Dalcastagnè (2005) observou que, em romances brasileiros contemporâneos, as personagens femininas ocupam uma posição minoritária, além de terem pouco acesso ao papel de narradoras e assumirem, com menor frequência, posições de destaque na trama. No que diz respeito à cor, as personagens são majoritariamente brancas, o que não reflete a diversidade da população brasileira e a presença significativa de indivíduos negros. Essa disparidade evidencia uma lacuna na representatividade e uma ausência de vozes e histórias que expressem a vivência de diferentes grupos sociais, especialmente o das mulheres negras.

No entanto, é exatamente nesse contexto de exclusão que a obra de Conceição Evaristo se destaca, rompendo com essas limitações. “Em *Olhos d'água*, Conceição Evaristo adota a heterogeneidade nos modos de representar as personagens femininas.” (Pereira; Lisboa, 2019, p.164). Essa diversidade possibilita que as personagens femininas sejam retratadas em suas várias facetas, capturando a amplitude e a profundidade das vivências das mulheres negras e periféricas. Em seus contos, a autora apresenta essas mulheres como protagonistas de suas próprias trajetórias, oferecendo uma rica tapeçaria de experiências que reflete a diversidade e a complexidade da sociedade brasileira. Embora a pesquisa de Dalcastagnè seja de 2005, as questões de representatividade e a luta por vozes diversas continuam a ser temas centrais na literatura contemporânea, evidenciando a importância da obra de Evaristo.

No conto *Ana Davenga*, Conceição Evaristo narra a história de Ana, uma mulher de 27 anos que vive na favela e se envolve romanticamente com um criminoso, adotando

seu sobrenome, Davenga. Conforme destacado por Lima (2024), o conto é narrado em terceira pessoa por uma narradora que parece ter conhecimento total dos acontecimentos. Contudo, essa narradora faz uso do discurso indireto livre, permitindo que as vozes das personagens sejam expressas indiretamente, ou seja, sem a atribuição direta de falas a elas. Com isso, embora a história não seja apresentada diretamente pelas personagens, suas vozes se revelam por meio da forma como suas reflexões e emoções estão entrelaçadas ao longo do texto. Essa técnica é particularmente evidente na cena em que Ana conhece Davenga, onde suas emoções e a hesitação dele são capturadas de maneira sutil, mas poderosa.

Esse romance impulsivo teve início quando eles se conheceram em um samba, onde ele rapidamente se interessou por ela. Enquanto ela dançava, ele a observava: “[...] Estava atento aos movimentos e à dança da mulher” (Evaristo, 2016, p. 25). No entanto, faltava-lhe coragem para se aproximar dela. “Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço” (Evaristo, 2016, p. 25). Essa cena revela uma contradição interessante: um homem que encara atividades ilícitas e arriscadas sente-se intimidado ao falar com uma mulher. Evaristo destaca, aqui, a carga emocional imposta pelas realidades de violência e exclusão social, em que os sentimentos e as relações íntimas demandam um tipo de coragem menos evidente, mas profundamente desafiador.

A partir desse dia eles nunca mais se afastaram. “[...] Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver.” (Evaristo, 2016, p.26). Dessa forma, ela representa muitas mulheres das periferias que, inseridas em contextos marcados pela pobreza e pela violência, buscam apenas um pouco de segurança e uma vida digna. Muitas vezes, essas mulheres adotam uma filosofia arriscada: acreditam que nada têm a perder. Essa mentalidade, que pode ser entendida como uma resposta aos desafios de sua realidade, as leva a aceitar situações potencialmente perigosas ou precárias, já que o medo de arriscar é superado pela urgência de sobreviver e pelo desejo de viver com dignidade.

Nessa passagem, a autora reflete sobre as condições de vida e as escolhas difíceis que muitas pessoas em situação de vulnerabilidade precisam tomar para sobreviver. Em seu cotidiano, enfrentam a necessidade de equilibrar riscos e escolhas arriscadas, impulsionadas pela urgência de garantir sua própria dignidade. No que diz respeito a Davenga, ele possuía uma particularidade que apenas Ana conhecia. Após terem

estabelecido uma relação, ele demonstrava uma atitude surpreendente. “E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada.” (Evaristo, 2016, p.23).

A intimidade entre Ana e Davenga revela um lado vulnerável dele, apesar de sua aparência viril. O "gozo-pranto" desse personagem simboliza uma mistura de prazer e sofrimento, e Ana, embora não tenha culpa, sente-se responsável por esse sofrimento. Essa dinâmica ressalta a complexidade das emoções dela, que se vê culpada por testemunhar a fragilidade e vulnerabilidade de um homem geralmente forte. Essa situação reflete as complexas relações de poder e as emoções que se desenvolvem em contextos de fragilidade e insegurança.

Nesse conto, Evaristo apresenta um antagonista incomum, “Ao olharmos para o personagem Davenga, constata-se que ele é construído fora dos padrões estereotipados que a cultura nacional tem apresentado em termos de papel do “criminoso”.” (Lima, 2024, p.48). Assim, em vez de se conformar a uma representação simplificada e negativa, típica de um vilão unidimensional, ele se revela um personagem que pode ser considerado mais humano. Este personagem é capaz de se engajar em reflexões sobre sua condição e suas escolhas, permitindo ao leitor perceber além do rótulo de criminoso. Essa profundidade confere ao personagem uma complexidade que desafia as expectativas convencionais e provoca uma reflexão mais ampla sobre as circunstâncias que moldam suas ações.

Essa construção realizada pela autora desafia as narrativas tradicionais que frequentemente reduzem indivíduos em situações de marginalidade a meras caricaturas, ressaltando que as circunstâncias que levam uma pessoa ao crime são, muitas vezes, multifacetadas e influenciadas por fatores sociais, econômicos e psicológicos. Assim, a análise de Davenga proporciona uma compreensão mais profunda das realidades enfrentadas por pessoas em contextos vulneráveis, fomentando uma reflexão crítica sobre a sociedade e suas expectativas em relação a indivíduos que considera “criminosos”.

No desenrolar da história, seu companheiro decide organizar uma festa de aniversário, e, embora estivesse completando 27 anos, aquela era a primeira vez que Ana vivenciava uma celebração desse tipo. “[...] O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda.” (Evaristo, 2016, p.28-29). Estava grávida, e essa gestação a deixava apreensiva em relação ao que estava por vir. “E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava

rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também.” (Evaristo, 2016, p.29).

Por meio do trecho, percebemos o medo e a preocupação que Ana tem em relação ao futuro de seu filho. Ela teme o caminho que ele poderá seguir, mas entende que isso pertence ao futuro. No entanto, está ciente de que, no contexto em que vive, o futuro chega rapidamente. O crescimento das crianças na favela é acelerado, e elas são obrigadas a enfrentar situações extremas, como a necessidade de "matar ou morrer," em um tempo muito curto. Essa realidade destaca como as crianças são forçadas a lidar com as duras condições de vida na periferia desde cedo.

Outro aspecto que ressalta a complexidade emocional de Ana e sua relação com o sofrimento é o momento em que ela sente felicidade. “[...] Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento.” (Evaristo, 2016, p.29). Nessa passagem, Evaristo nos revela como Ana absorveu o sofrimento a tal ponto que o enxerga como parte natural de sua existência. Esse contexto mostra sua dificuldade em vivenciar a felicidade e a paz, levando o leitor a refletir sobre os efeitos emocionais profundos que uma vida repleta de experiências dolorosas pode gerar em uma pessoa.

No entanto, a breve felicidade de Ana logo se desfaz. Após a partida dos convidados e o término da festa, quando estava em um momento de intimidade com Davenga, a porta se abriu subitamente, e dois policiais armados entraram. Tudo parecia perdido; Ana, tentando proteger seu sonho, segurava a barriga. O final fatídico parece inevitável: uma mulher da favela, negra, em um relacionamento com um criminoso, dificilmente escapa de um destino fatal. “Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.” (Evaristo, 2016, p.30).

Essa passagem destaca o trágico desfecho da história de Ana e Davenga, evidenciando a brutalidade da violência policial. Ana, uma mulher grávida e desarmada, é vitimada, embora não tivesse culpa, representando a fragilidade e a injustiça sofridas por muitos na favela. Seu gesto de proteger a barriga demonstra seu instinto materno de tentar preservar a vida do filho. Entretanto, a morte dela e de seu filho reflete a dura realidade das favelas, onde a violência e a pobreza destroem as esperanças, encerrando tragicamente os sonhos de um futuro diferente.

Ana é mais uma vítima da violência urbana das favelas, de relações com criminosos, de colocar os sonhos à frente da racionalidade. O conto é poeticamente triste e poeticamente duro; são as marcas de uma autora que traduz histórias que evidenciam as dificuldades enfrentadas pelas minorias em uma sociedade patriarcal, opressora e discriminatória. (Pereira; Lisboa, 2019, p.166).

Evaristo, por meio de uma linguagem poética, dá visibilidade às realidades árduas e desafiadoras vividas por seus personagens. Assim, a autora nos apresenta Ana não apenas como uma vítima, mas como uma figura que reflete a dureza da realidade de tantas mulheres periféricas, marcadas pela coragem de viver à sombra do risco e da incerteza. A trajetória de Ana nos leva a questionar até que ponto suas escolhas e sua aceitação dos perigos que a cercam são, na verdade, respostas moldadas pela falta de alternativas em uma sociedade opressiva e desigual. Ao final, o conto não só evidencia a tragédia pessoal dela, mas também lança luz sobre a estrutura social que limita e, muitas vezes, aprisiona essas vidas.

Ao examinarmos a trajetória de Ana, percebemos semelhanças com a experiência de Maria, embora a intensidade das provações que enfrentaram tenha sido distinta. Ambas encontraram um destino trágico, marcado por um desfecho fatídico em suas narrativas. As duas protagonistas simbolizam a resistência de mulheres negras e periféricas, navegando por realidades repletas de desafios e opressões. Enquanto Ana vive a tragédia de seu relacionamento com um criminoso, Maria reflete outro aspecto da luta feminina, mostrando como as condições sociais moldam suas vidas e escolhas. Essa continuidade nos permite explorar ainda mais as questões que envolvem a fragilidade, a coragem e a complexidade emocional enfrentadas por essas mulheres em uma sociedade marcada pela desigualdade.

4.2 *Maria*: O preço da invisibilidade

No conto *Maria*, a protagonista é apresentada enquanto espera o ônibus para retornar para casa, ao fim de mais um dia de trabalho como empregada doméstica. Ela carrega consigo restos de comida da residência onde trabalha: “[...] Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço” (Evaristo, 2016, p.39). A menção às sobras de alimentos e à gorjeta que recebe expõe sua posição de subalternidade. Esse gesto, embora para alguns pudesse parecer banal ou

insignificante, assume um valor simbólico profundo no universo de Maria. Em meio a uma existência marcada pela escassez e pelas dificuldades, sua satisfação reflete uma resistência discreta e a força de uma mãe solo que encontra alegria nas pequenas conquistas do cotidiano.

Conforme destaca a filósofa Sueli Carneiro (2011), as mulheres negras brasileiras concentram-se, em grande medida, nos postos de trabalho mais vulneráveis do mercado. Maria insere-se nesse grupo descrito por Carneiro, atuando como trabalhadora doméstica — uma ocupação marcada frequentemente pela informalidade e pela baixa remuneração. Dessa forma, a satisfação de Maria ao levar sobras de alimentos para casa revela a precariedade financeira e as restrições que o mercado de trabalho impõe a essas mulheres.

Ao entrar no ônibus, Maria reconhece, mesmo sem olhar diretamente, que ali estava o pai de seu filho mais velho: “Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho.” (Evaristo, 2016, p. 40). Esse homem, agora voltado ao crime, está no ônibus com a intenção de assaltá-lo. No breve diálogo que ocorre entre eles, ele pergunta sobre o filho, e ela, tomada por uma mescla de surpresa e nostalgia, permite-se imaginar como suas vidas poderiam ter seguido um caminho diferente. “Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes?” (Evaristo, 2016, p. 40), questiona ela, em um instante de desamparo e esperança. Contudo, a realidade logo se impõe quando ele se levanta rapidamente e saca a arma, enquanto outro cúmplice ao fundo anuncia o assalto: “Outro lá atrás gritou que era um assalto” (Evaristo, 2016, p. 41).

O medo da vida em Maria ia aumentando. Meus Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com a faca a laser que parecia cortar até a vida. (Evaristo, 2016, p. 41).

O corte profundo nas mãos de Maria — feito pela faca que parecia “cortar até a vida” — é um símbolo não apenas das marcas físicas, mas também do sofrimento emocional e das cicatrizes invisíveis deixadas pelas dificuldades diárias. Esse ferimento reflete o impacto de uma vida marcada pela violência e pela precariedade. Quando ela se vê frente a frente com um assalto, o medo que a toma não é o temor da morte, mas o pavor de sua incapacidade de proteger seus filhos. Em um instante de insegurança, ela se

confronta com a angústia de não poder garantir o cuidado e a segurança de quem depende dela.

Quando os assaltantes deixaram o ônibus, as pessoas logo notaram que apenas ela não havia sido roubada, o que despertou suspeitas sobre seu envolvimento. Incomodados, alguns passageiros começaram a acusá-la verbalmente. “Alguém gritou que a aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. [...] Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. [...] Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar.” (Evaristo, 2016, p. 41-42). As acusações dirigidas à Maria, insinuando que ela estaria “conivente” com os assaltantes, ilustram uma prática recorrente de culpabilizar vítimas de violência. Em vez de concentrarem-se nos responsáveis pelo crime, os olhares se voltam para ela, sugerindo que sua presença ou comportamento a tornariam, de alguma forma, responsável pela agressão. Esse tipo de atitude não só desvia o foco da questão central — a criminalidade e a violência em si — como também reforça uma mentalidade que responsabiliza as mulheres por situações sobre as quais elas não têm controle. Evaristo utiliza essas acusações e xingamentos para revelar as dinâmicas de poder e opressão enfrentadas por mulheres negras em seu cotidiano.

A brutalidade da cena final é particularmente chocante. As palavras: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p.42). A descrição impactante da violência sofrida por Maria ressalta não só a crueldade dos agressores, mas também a perda de sua dignidade e humanidade. A preocupação dela com o melão que desejava levar para casa, questionando “será que os meninos iriam gostar de melão?”, é profundamente triste, pois revela o amor e a esperança que ela nutre por seus filhos, que nunca tiveram a oportunidade de experimentar essa fruta. Agora, o futuro dos filhos de Maria se torna uma grande incerteza. Sem pai e sem mãe, e em situação de extrema pobreza, a pergunta que paira no ar é: o que lhes reserva o futuro?

Consequentemente, a violência sofrida por Maria não se encerra com ela; seus efeitos se estendem à vida dos filhos, que agora enfrentam um futuro incerto, possivelmente permeado pelas mesmas adversidades que marcaram sua própria trajetória. Esse último pensamento dela, simples e comovente, expõe um amor inabalável, que persiste mesmo em face da morte iminente. Neste contexto, Evaristo utiliza essa cena para suscitar uma reflexão mais ampla sobre o impacto da violência estrutural e a perpetuação

de condições de desigualdade e abandono para as próximas gerações. Como indicado por Ricardo e Chauca:

[...] Maria é uma personagem contrariada, pois traz marcas do “passado” escravocrata que se manifestam no presente sob novas formas políticas de dominação neoliberais. É uma mulher que carrega seus fardos e constrói suas utopias, suas esperanças projetadas nos filhos, mesmo em um contexto que se lhe apresenta como hostil. (Ricardo; Chauca, 2023, p.61).

Essa análise de Ricardo e Chauca (2023) reforça a ideia de que Maria é uma personagem cuja história transcende o individual, simbolizando uma coletividade de mulheres negras que resistem e persistem apesar dos contínuos ciclos de opressão. A referência ao passado escravocrata que ainda reverbera no presente evidencia que, embora a escravidão tenha sido oficialmente abolida, as estruturas de exploração e marginalização permanecem. Esse contexto de dominação neoliberal se apresenta como uma continuidade das antigas formas de opressão, e Maria, ao carregar esse legado, torna-se representante de uma luta maior. Assim, ela constrói suas utopias e deposita suas esperanças nos filhos, projetando, em meio às adversidades, a busca por um futuro mais justo e livre das limitações que ela mesma enfrenta.

Assim como Maria, a protagonista de *Duzu-Querença* carrega em sua trajetória marcas profundas de desigualdade e resistência. No entanto, enquanto uma reflete o peso de um passado escravocrata que ainda persiste, o conto *Duzu-Querença* nos leva a um contexto onde o corpo e a dignidade da mulher negra são postos à prova de outras maneiras. A partir dessa perspectiva, Conceição Evaristo revela diferentes formas de sobrevivência e luta.

4.3 *Duzu-Querença*: Sobrevivência e ilusão

O terceiro conto da coletânea *Olhos d'Água* é intitulado *Duzu-Querença*. A narrativa começa com uma cena comovente e desoladora. “Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita.” (Evaristo, 2016, p. 31). A história começa apresentando uma idosa em situação de extrema pobreza, vivendo como mendiga. Ao longo do texto, revela-se que sua trajetória de vida foi marcada por experiências profundamente tristes e lamentáveis. Apesar de sua situação atual, ela mantém-se forte. Na citação, sua tentativa de imaginar que está comendo mostra como a imaginação pode

ser uma ferramenta de sobrevivência para lidar com situações desesperadoras. A esperança serve como um escape para não sucumbir ao desespero, e, em momentos de extrema necessidade, a ilusão e a realidade se misturam. Infelizmente, essa é a realidade de muitas pessoas que sofrem com a desigualdade social, onde alguns têm muito enquanto outros não têm nada.

A desigualdade social no Brasil é uma realidade alarmante, caracterizada por uma acentuada concentração de renda nas mãos de poucos. Como observa Medeiros: “No Brasil, poucos têm muito, muitos têm pouco.” (Medeiros, 2023, p. 30). Essa disparidade não apenas evidencia a distribuição desigual da riqueza, que favorece uma minoria privilegiada, mas também expõe a maioria da população a severas dificuldades econômicas. Tal desequilíbrio impacta negativamente o desenvolvimento social e econômico, restringindo o acesso a oportunidades e perpetuando um ciclo vicioso de exclusão. Além disso, a concentração de riqueza no topo não apenas compromete o crescimento inclusivo, mas também solidifica barreiras que dificultam a mobilidade social dos menos favorecidos. Esse contexto de desigualdade se reflete nas aspirações de Zé Nogueira, pai de Duzu, que parte em busca de melhores condições na cidade, acreditando que sua filha terá a chance de trabalhar e mudar seu destino. No entanto, assim como muitos outros que também lutam contra a falta de recursos, ele se depara com as mesmas barreiras sociais que Medeiros descreve, revelando a cruel realidade que permeia a vida dos marginalizados.

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital. (Evaristo, 2016, p. 32).

Duzu chegou à cidade ainda criança, acompanhada de seu pai, Zé Nogueira, que carregava no peito a esperança de uma vida melhor e a promessa de um futuro mais promissor para ela. Representando muitas pessoas que migram para centros urbanos em busca de oportunidades, Zé vê a cidade como um espaço repleto de possibilidades para sua filha. No entanto, essa esperança também revela uma certa inocência, pois ele confia a menina a cuidados de uma mulher da capital, sem ter certeza se ela realmente cumprirá as promessas feitas. Essa situação destaca uma realidade perigosa, na qual muitos pais, na busca por um futuro melhor, entregam seus filhos a estranhos, muitas vezes sem

conhecer as verdadeiras intenções dessas pessoas. Em contrapartida, D. Esmeraldina, responsável pela jovem, tinha planos distintos para ela. Assim, ela inicia sua nova vida cuidando da casa e assumindo diversas tarefas, como evidenciado na afirmação: “Duzu trabalhava muito.” (Evaristo, 2016, p. 32). Contudo, à medida que o tempo passa, ela começa a perceber a dura condição que a cerca, confrontando as ilusões que a trouxeram até ali.

Houve até aquele momento em que um homem acariciou o rosto dela, descendo a mão lentamente... A jovem ordenou que ele parasse. Não via que ela era apenas uma menina? O homem então cessou o ato. Levantou-se envolto em um lençol. Duzu, então, notou que a moça estava nua. Ele retirou a carteira e entregou uma nota a Duzu, que olhou para o homem com timidez. (Evaristo, 2016, p. 33).

D. Esmeraldina era, na verdade, propriedade de um prostíbulo, um local que possuía diversos quartos e onde Duzu observava muitas mulheres. Em determinado momento, a menina adentra um dos cômodos e se depara com a dura realidade que a envolve. Essa passagem revela a exploração precoce e brutal que a protagonista vivencia, evidenciando como sua juventude e a falta de compreensão a tornam suscetível à sedução do dinheiro. A confusão entre o medo e o aparente prazer não apenas expõe sua vulnerabilidade, mas também ilustra a armadilha da exploração sexual na qual ela se encontra, sem ter plena consciência do que está enfrentando.

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldinha. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar. (Evaristo, 2016, p. 34).

Duzu, assim como muitas meninas, acaba enfrentando um destino trágico ao ser entregue pelos próprios pais na esperança de uma vida melhor. Ao invés de encontrar oportunidades, ela se vê presa e explorada em um bordel. Inicialmente, ela não compreendia a gravidade da situação, mas com o tempo vai percebendo que foi enganada sobre as promessas de um futuro melhor e que é apenas uma entre muitas que caíram nessa armadilha da prostituição. Diante da falta de opções, ela se conforma com a realidade imposta e encontra formas de sobreviver em meio a circunstâncias tão difíceis.

Essa narrativa revela uma realidade dolorosa que afeta muitas mulheres provenientes de famílias pobres e vulneráveis, destacando a exploração sexual e a manipulação que perpetuam ciclos de pobreza e desesperança. Como ressaltado por Nunes (2015)

A situação da mulher negra, pouco se modificou no período pós-abolição, continuou ocupando os mesmos espaços da estrutura colonial. Entre as possibilidades de sustento estavam o trabalho em casas de família ou os trabalhos informais como quituteiras, lavadeiras e, principalmente, como prostitutas. (Nunes, 2015, p.38).

A trajetória de Duzu exemplifica a permanência de uma realidade imposta às mulheres negras desde o período colonial, caracterizada pela ausência de oportunidades e por uma constante exploração. Assim sendo, Duzu viu-se presa em um destino que reflete não uma escolha genuína, mas a escassez de alternativas dignas e a perpetuação de um sistema opressor. Sua entrada na prostituição, portanto, não se deu por vontade própria, mas como resultado de um ciclo de exclusão e violência. Esse contexto doloroso evidencia como a história das mulheres negras no Brasil é marcada por limitações impostas por uma sociedade que frequentemente as exclui e as nega perspectivas diferentes.

Assim, o percurso de Duzu é marcado por uma intensa luta, refletida em sua maternidade e na relação com seus muitos netos, entre os quais se destaca uma proximidade especial com três: Angélico, Tático e Querença. Sua vida é permeada por perdas e sofrimento, culminando em um dos momentos mais dolorosos: a morte de Tático. O luto, que deveria proporcionar acolhimento à dor, é esmagado por uma realidade implacável que não oferece trégua. Como expressa a narrativa: “Estava chegando uma época que o sofrer era proibido” (Evaristo, 2016, p. 35). Para enfrentar tamanha aflição diante das adversidades, ela se refugia nos delírios: “Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor” (Evaristo, 2016, p. 35). Esses devaneios não são uma escolha, mas sim um alívio forçado, uma válvula de escape diante das marcas de uma vida marcada pela exploração. A aparente felicidade encontrada nos devaneios é, na verdade, um grito desesperado de resistência contra um sofrimento insuportável. É importante destacar que:

Como forma de fazer entender o estado de sofrimento de Duzu Querença, a narrativa não só explora o delírio, mas nos faz ver a personagem com mais complexidade, traçando um histórico que desemboca no presente e no alheamento. Duzu é uma personagem que foge ao modelo tradicional literário e representa o que Dalcastagné chama de acesso de voz dos grupos

marginalizados que vivenciam uma identidade coletiva que se encontram à margem das representações discursivas, já que há uma censura velada do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais (Farencena; Silva; Morais, 2019, p. 143).

Ao explorar o delírio de Duzu, Evaristo não apenas retrata sua dor, mas também oferece uma visão mais profunda de sua identidade e trajetória. Essa abordagem desafia os modelos tradicionais de personagens literários, permitindo que ela se torne um ícone de luta. A autora, por meio de sua obra, não só humaniza sua experiência, mas também questiona as estruturas sociais que excluem vozes como a dela, enfatizando a necessidade de uma representação mais abrangente e genuína na literatura. Ao fim da narrativa, Querença, “[...] que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...”(Evaristo, 2016, p.34), tornava-se a personificação da avó, enquanto se via diante de um futuro incerto.

[...] Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuída que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. (Evaristo, 2016, p. 36-37).

Querença, assim como seus familiares passados, nutria o sonho de transformar sua vida. Contudo, resta a dúvida se ela conseguiria alcançar um cenário distinto de sua avó, se ela seria a primeira da família a mudar de vida. Embora não haja respostas definitivas para essas questões, é sabido que para os moradores de favelas, as oportunidades são as mesmas, e a realização dos sonhos nem sempre é algo fácil de se concretizar.

Por fim, neste contexto de exclusão e ausência de vozes negras na literatura brasileira, a obra de Conceição Evaristo se torna notável ao trazer à tona a experiência de mulheres negras, como visto nos contos *Ana Davenga*, *Maria e Duzu-Querença*. Em cada uma dessas narrativas, Evaristo constrói personagens que não apenas desafiam a invisibilidade, mas também revelam a complexidade de suas vivências e a luta por dignidade. Maria reflete a resistência diante das adversidades da vida cotidiana, enquanto Ana Davenga questiona as relações de poder e a subordinação das mulheres negras. Por sua vez, Duzu, com sua trajetória de dor e resignação, ilustra a continuidade de um ciclo de opressão e violência. Assim, ao retratar as histórias dessas mulheres, a autora contribui para que a lacuna da representatividade, embora ainda presente, possa aos poucos ser

preenchida. Além disso, oferece uma reflexão profunda sobre a condição social e a luta das mulheres negras no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou como Conceição Evaristo, em suas narrativas, reposiciona as mulheres negras periféricas como protagonistas de suas histórias. A autora não se limita a retratá-las como vítimas; pelo contrário, transforma suas trajetórias ao evidenciar suas lutas, resistências e estratégias de enfrentamento diante das opressões que enfrentam. Por meio da escrevivência, Evaristo confere visibilidade a essas mulheres, destacando suas forças e reafirmando a importância de suas vozes na literatura e na sociedade.

Com base na análise dos contos *Ana Davenga*, *Maria* e *Duzu-Querença*, os objetivos de analisar a representação das mulheres negras periféricas e destacar a escrevivência como ferramenta de resistência foram plenamente alcançados. A obra *Olhos d'água* revelou como Evaristo, através de sua escrita, constrói histórias que expõem as diversas faces da opressão e, ao mesmo tempo, celebram a força, a resiliência e a luta dessas personagens. Com sensibilidade e profundidade, a autora traz à luz trajetórias que superam o sofrimento, destacando protagonistas que, mesmo em condições de extrema vulnerabilidade, desafiam a exclusão e reafirmam suas identidades. Assim, o estudo ratifica a centralidade da autora na denúncia das injustiças sociais e na valorização das vivências das mulheres negras, consolidando sua escrita como um ato de força política e literária.

Este trabalho partiu do problema de pesquisa que questionava de que maneira Evaristo, por meio de sua escrita, oferece uma nova perspectiva sobre a condição das mulheres negras na literatura brasileira, especialmente aquelas que vivem em contextos periféricos. Ao longo da análise, constatou-se que a autora transcende as narrativas tradicionais, utilizando sua escrevivência para dar visibilidade a personagens que historicamente foram silenciadas ou estereotipadas. Sua obra não apenas reflete a dor e a exclusão impostas às mulheres negras, mas também ilumina suas lutas, afetos e atos de resistência, revelando um universo complexo e humanizado. Assim, a pesquisa evidenciou que Evaristo subverte a marginalização através da centralidade que confere a

essas mulheres, promovendo, portanto, uma reinterpretação literária e social das suas existências.

Os resultados desta pesquisa demonstram como a obra de Evaristo ressignifica as vivências das mulheres negras por meio de narrativas que rompem com preconceitos e revelam as complexidades de suas trajetórias em contextos periféricos. O estudo contribui para uma compreensão mais profunda da representação feminina negra na literatura brasileira, evidenciando como a autora transforma suas personagens em agentes de resistência e protagonismo, em oposição à marginalização histórica a que foram submetidas. Tais achados não apenas desafiam as representações tradicionais das mulheres negras, mas também reafirmam a importância de suas vozes na literatura contemporânea. Ao articular questões sociais e culturais, esta análise reforça o valor da escrita negra como ato de denúncia e valorização da memória coletiva dessas mulheres, oferecendo novas perspectivas de leitura e reflexão crítica.

Por fim, recomenda-se que futuros trabalhos possam ampliar o escopo de análise para outras obras de Conceição Evaristo, como *Ponciá Vicêncio*, ou de outras autoras negras contemporâneas que utilizam a escrivência como forma de resistência e denúncia social. Estudos comparativos entre Evaristo e outros escritores que abordam questões raciais e a representatividade das mulheres negras poderiam proporcionar uma compreensão mais profunda das estratégias narrativas empregadas para subverter a marginalização. Ademais, pesquisas que examinem o impacto da obra dessa autora em diferentes contextos, como no ambiente educacional ou em movimentos sociais, podem oferecer novas perspectivas sobre a potência e a abrangência de sua escrita como instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHAMPAGNAT, Pauline. **Conceição Evaristo: a reconstrução de uma identidade fragmentada em Becos da Memória**. Criação & Crítica, 2018.
- CRUZ, Márcia. **Conceição Evaristo toma posse na Academia Mineira de Letras**. Revista Piauí, 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/conceicao-evaristo-toma-posse-na-academia-mineira-de-letras/amp/> Acesso em: 10 out. 2024.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília: 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. Escrivivência. Disponível no canal Leituras Brasileiras, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY?si=FTeTvYICQSGjzLqU> Acesso em: 01 nov. 2024.
- EVARISTO, Conceição. In: Duarte, Constância; Nunes, Isabella (org.) **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações: Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25).
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FARENCENA, Ilcemara; SILVA, Olívia; MORAIS, Maria. **Maria e Duzu-Querença: o lugar de fala nos contos de Conceição Evaristo**. Revista Humanidades e Inovação, 2019.
- FERREIRA, Jéssica. **A escrivivência de Conceição Evaristo e sua contribuição para uma educação antirracista**. São Gonçalo, 2023.
- FREITAS, Anneline; CINTRA, Soraia. **A violência contra a mulher negra**. Encontro de Ensino e História: Sociedade, Cultura e Patrimônio, ISSN 2179-5665, 2018.

GUZZO, Morgani. **Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira.** Portal Catarinas, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/> Acesso em: 15 de out. 2024.

IBASE. Favelas: **uma condição urbana de caráter nacional.** IBASE, 2022. Disponível em: <https://ibase.br/favelas-uma-condicao-urbana-de-carater-nacional/#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20C3%A0%20composi%C3%A7%C3%A3o%20em,o%20percentual%20C3%A9%20de%2055%25>. Acesso em: 08 out. 2024.

JORNAL NACIONAL. **Conceição Evaristo é a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras.** G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/03/09/conceicao-evaristo-e-a-primeira-mulher-negra-a-ingressar-na-academia-mineira-de-letras.ghtml#> Acesso em: 28 out. 2024.

LIMA, Karoline. **Olhos d'água e insubmissas lágrimas de mulheres: uma análise sobre as personagens evaristianas sob a perspectiva teórico-crítica feminista.** Porto Alegre, 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEDEIROS, Marcelo. **Os ricos e os pobres: o Brasil e a desigualdade.** São Paulo: Companhia de Letras, 2023.

MIRANDA, Kanthya; FILHO, Erivaldo. **Direito de acesso à água potável e saneamento básico para as populações que residem em favelas e áreas periféricas.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 9, n. 6, p. 19077-19089, 2023.

NUNES, Alyne. **Prostituição feminina negra: uma análise da violência racial e de gênero na trajetória de vida.** Recife, 2015.

PAULO, Paula. **População que vive em favelas cresce e chega a 8,1%, mostra Censo; no Norte, são 19%.** São Paulo: G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/economia/censo/noticia/2024/11/08/censo-ibge-favelas.ghtml> Acesso em: 10 nov. 2024.

PEREIRA, Humberto; LISBOA, Natália. **Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo.** Antares: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICARDO, Francisca; CHAUCA, Carlos. **(De)colonialidade, memória e resistência no conto "Maria" de Conceição Evaristo.** Letra Magna, 2023.

SAPARAS, Marcelo; VELASCO, Denise. **Olhos d'água de Conceição Evaristo: um olhar da linguística no texto literário.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SILVA, Eliana. **Mulheres em situação de violência na favela de Paraisópolis: possibilidades de luta e resistência.** São Paulo, 2014.